

considerando dois pacientes diagnosticados com as formas secundária e latente tardia em momentos distintos e um paciente com as formas primária e secundária, também em momentos distintos. Em 7,7% dos pacientes não foi possível classificar a forma clínica. A média de idade dos coinfectados foi de 36,8 anos (24-59), 94,8% do sexo masculino e 87,1% solteiros. Quanto à escolaridade, 56,4% possuíam ensino médio, 35,9%, ensino superior e 2,56% apenas ensino fundamental. A maioria (89,7%) era composta por homens que fazem sexo com homens - HSH. A média do CD4 ao diagnóstico foi 402 células/mm³, sendo 48,7% com CD4 < 350. Com relação ao tratamento, 79,4% foram tratados com penicilina benzina e 5,1% com doxiciclina. Sem informações para 15,4% sobre o tratamento.

Conclusão: O estudo corrobora a sífilis como um importante evento sentinela para o diagnóstico do HIV e a importância da PrEP neste cenário. A conscientização sobre a coinfeção precisa aumentar e os serviços de saúde devem fornecer uma abordagem integrada para o diagnóstico precoce, tratamento adequado, estratégias de prevenção e acompanhamento dessas infecções.

Palavras-chave: Sífilis HIV Coinfeção Prevalência

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102969>

ALTA TAXA DE MORTALIDADE E FATORES ASSOCIADOS EM TRAVESTIS E MULHERES TRANS VIVENDO OU NÃO COM HIV NO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Flavia C. Serrão Lessa^{a,*}, Emilia Moreira Jalil^a,
Ricardo de Mattos Russo Rafael^b,
Luciane de Souza Velasque^c, Eduardo M. Peixoto^c,
Luiz R.S. Camacho^a, Ronaldo I. Moreira^a,
Monica Derrico^a, Mario Sergio Pereira^a,
Laylla Monteiro^a, Valdilea G. Veloso^a,
Beatriz Grinsztejn^a, Sandra W. Cardoso^a

^a Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI),
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

^b Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

^c Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: Travestis e mulheres trans (TMT) carregam uma carga desproporcional de resultados adversos à saúde, incluindo a infecção pelo HIV. No entanto, dados sobre mortalidade nesse grupo são escassos no Brasil. Esse estudo objetivou caracterizar as mortes ocorridas em uma coorte trans-específica e analisar fatores associados à mortalidade.

Métodos: Trata-se de análise transversal a partir dos dados de entrada de uma coorte prospectiva e das informações do sistema de mortalidade (SIM) por meio de linkage probabilístico. A coorte Transcendendo foi estabelecida em 2015 e inclui TMT vivendo com HIV (TMTVHIV) ou HIV-negativas com 18+ anos, do Rio de Janeiro, Brasil. Foi realizada análise de regressão logística para identificar fatores associados ao óbito na coorte.

Resultados: Entre 2015-2020, 537 TMT foram incluídas na coorte (56,4% TMTVHIV). A idade mediana foi 31 anos

(intervalo interquartil [IIQ]:25-38), 69,6% se declararam Negras/Pardas, e 38,7% eram profissionais do sexo. Foram identificados 24 óbitos (4,5%), dos quais 20(83,3%) ocorreram entre TMTVHIV e 4[16,7%] entre TMT HIV-negativas. Entre as 20 TMTVHIV que foram a óbito, 14(70%) estavam em uso de terapia antirretroviral na entrada da coorte, e a contagem mediana do CD4+ nadir era 168 células/mm³ (IIQ:44-271). As causas de óbito nas TMT-VHIV foram infecções relacionadas ao HIV/AIDS (n = 11[55,0%]), seguidas de câncer (n = 4[20,0%]) dos seguintes sítios: espaço retroperitoneal/peritônio [n = 1], pulmão/brônquio [n = 1], mama [n = 1] e ânus [n = 1]), causas externas (n = 2[10,0%]), causa desconhecida (n = 2[10,0%]) e enfisema pulmonar (n = 1[5,0%]). Entre as TMT HIV-negativas, as causas de morte foram: causa externa (n = 1[25,0%]), COVID-19 (n = 1[25,0%]), infarto agudo do miocárdio (n = 1 [25,0%]) e sepse (n = 1[25,0%]). Além da idade (OR 1,07 [IC95%:1,03-1,11, p = 0,001], tiveram maior chance de morte as TMT com moradia instável (OR 6,92[IC95%:2,45-18,79, p < 0,001], que reportaram trabalho sexual (OR 3,57[IC95%:1,40-10,03], p = 0,010) e que viviam com HIV (OR 3,46 [IC95%:1,23-12,43, p = 0,031).

Conclusões: TMT-VHIV tiveram uma chance aumentada de mortalidade. Além da idade, fatores relacionados à alta vulnerabilidade das TMT se associaram à maior chance de óbito. Nossos achados reforçam a necessidade de prevenção e cuidado com o HIV para considerar uma abordagem mais ampla de saúde, que aborde as desigualdades de saúde e suas causas entre as TMT no Brasil.

Palavras-chave: HIV/AIDS Travestis Mulheres trans Mortalidade

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102970>

ALTA VULNERABILIDADE E PREVALÊNCIA DE HIV E OUTRAS ISTS ENTRE JOVENS HSH NO RIO DE JANEIRO: O PROJETO CONECTAD@S

Cristina Moreira Jalil^{a,*}, Emilia Moreira Jalil^a,
Thiago Silva Torres^a, Rodrigo Oliveira Scarparo^a,
Daniel Rodrigues Barros Bezerra^a, Brenda Hoagland^a,
Sandra Wagner Cardoso^a, Valdiléa Gonçalves Veloso^a,
Erin C Wilson^b, Willi McFarland^b, Beatriz Grinsztejn^a

^a Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI),
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

^b San Francisco Department of Public Health, San Francisco,
Estados Unidos

Introdução/Objetivo: A América Latina tem observado um aumento alarmante nas novas infecções pelo HIV entre jovens gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH). No Brasil, houve um aumento expressivo no número de casos de HIV entre pessoas do sexo masculino até 30 anos, mas dados específicos sobre jovens HSH ainda são escassos. Neste trabalho, objetivamos estimar a prevalência de infecções por HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em jovens HSH do Rio de Janeiro.

Métodos: Conectad@s é um estudo com amostragem por respondent-driven sampling (RDS), que recrutou jovens HSH de 18-24 anos entre novembro/2021 e outubro/2022. Os participantes realizaram testagem para HIV, sífilis, clamídia e